

Entre golpes brandos e rígidos: uma análise crítica do livro *Guerras híbridas*, de Andrew Korybko

Amid soft and hard coups: a critical analysis of the book *Hybrid Wars*, by Andrew Korybko

João Paulo Santos*

Antônia Mara Vieira Loguércio**

Marcio Ortiz Meinberg***

Rodrigo Duarte Maia****

Guilherme da Hora Pereira*****

DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2021.161.009>



Ilustração da capa da edição brasileira do livro *Guerras híbridas* (Expressão Popular, 2018)

RESUMO

O objetivo deste ensaio é apresentar uma análise crítica da abordagem de Andrew Korybko sobre as “guerras híbridas”. Inicialmente será apresentado o conceito estabelecido por Korybko em sua obra intitulada *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Também serão analisados e articulados outros conceitos utilizados por ele, como *abordagem indireta* (Liddel Hart), *guerra de quarta geração* (William Lind), *cinco anéis* (John Warden), *ciclo OODA* (John Boyd e Robert Greene) e *teoria do caos* (Steve Mann), entre outros. O artigo apresentará a visão de Korybko pela qual a guerra híbrida é composta por duas táticas distintas, a das revoluções coloridas/golpes brandos e a das guerras não convencionais/golpes duros, constituindo ambas uma estratégia geopolítica atualmente utilizada pelo governo dos Estados Unidos da América para desestabilizar governos não alinhados aos seus interesses. Por fim, apresentaremos algumas apreciações críticas sobre a abordagem realizada por Korybko sobre o tema e os conceitos.

Palavras-chave: Guerras híbridas. Revoluções coloridas. Guerras não convencionais. Andrew Korybko.

ABSTRACT

The aim of this essay is to present a critical analysis of Andrew Korybko's approach on “hybrid warfare”. Initially we will introduce the concept as established by Korybko in his book entitled *Hybrid wars: the indirect adaptive approach to regime change*. Other concepts he used will be analyzed and articulated, such as *indirect approach* (Liddel Hart), *fourth generation warfare* (William Lind), *five rings* (John Warden), *OODA loop* (John Boyd and Robert Greene) and *chaos theory* (Steve Mann), among others. The article will present Korybko's view, whereby hybrid warfare is composed by two distinct tactics, colour revolution/soft coup and unconventional warfare/hard coup, being a geopolitical strategy currently used by the government of the United States of America to destabilize governments not aligned with American interests. Finally, we will present a critical analysis of Korybko's approach to the theme and concepts.

Keywords: Hybrid warfare. Colour revolution. Unconventional warfare. Andrew Korybko.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva fazer uma análise crítica da obra de Andrew Korybko intitulada *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Trata-se de um tema relevante e atual, que já há algum tempo ocupa papel social e geopolítico relevante. Além de articular os conceitos relacionados às guerras híbridas, Korybko também apresenta uma abordagem bastante original sobre o tema (e, por isso mesmo, um tanto controversa). Este artigo divide a abordagem em quatro etapas sucessivas e dialeticamente relacionadas à obra citada: a primeira consiste em expressar a compreensão de Korybko sobre as táticas militares convencionais “aproveitadas” nos processos contemporâneos de guerra híbrida; a segunda etapa é relacionada à visão de Korybko quanto aos golpes e à inflexão prática da guerra híbrida na desestabilização das estruturas de poder periféricas do planeta; a terceira etapa apresenta as medidas sugeridas por Korybko como possibilidades preventivas e de enfrentamento de tais táticas no campo político, e na quarta parte é feita a análise crítica da abordagem utilizada por Andrew Korybko, incluindo algumas ressalvas ao entendimento do autor.

Vale alertar que, em uma primeira aproximação, o paradigma da guerra híbrida oscila entre a teoria das relações institucionais e o desenvolvimento das ciências militares, firmando um giro estratégico que passa a atribuir centralidade à incessante luta cultural e sua efetiva aplicação para a realização de guerras indiretas, revoluções coloridas, golpes brandos e até mesmo as denominadas guerras não convencionais ou golpes rígidos.

Independentemente de eventuais críticas, portanto, interessa a investigação de Korybko acerca da forma como tal luta cultural desenvolveu-se até o patamar de instrumento fundamental para a guerra híbrida e para a manutenção da hegemonia imperialista, principalmente em favor dos interesses dos Estados Unidos, garantindo-lhes (ou ao menos objetivando garantir-lhes) uma posição privilegiada na organização internacional do capital até os presentes dias.

2. PRINCIPAIS NOVIDADES MILITARES APLICADAS

O contexto bélico da Guerra Fria, em especial a distribuição relativamente equitativa das forças nucleares entre ambos os blocos sociopolíticos, legou aos Estados Unidos lições valiosas no plano tático e estratégico para o enfrentamento de países e povos que desafiem o imperialismo. Nesse sentido, o que, talvez, tenha sido o maior legado geopolítico do período bilateral do globo foi a capacidade de *adaptação* e de emprego de fundamentos, equipamentos e tecnologia tipicamente adjudicados à doutrina militar tradicional em um *esquema*, marcadamente civil, de disputa pelo poder.

Andrew Korybko destaca-se por catalogar e apresentar o rol de teses que, segundo ele, são postas em prática pelos Estados Unidos e poderiam demonstrar em

que grau essa dita *adaptação* da doutrina militar para uma disputa no campo das ideias converteu-se em um processo alinhado ao tradicional conceito gramsciano da *guerra de posição*. Inspirado em Nicolau Maquiavel, Gramsci registrou uma das mais renomadas aplicações da arte militar à ciência política, propondo os conceitos de *guerra de movimento* e *guerra de posição* (que tinham acabado de ser aplicados efetivamente na Primeira Guerra Mundial). Dizia o pensador marxista italiano:

A estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como complexo de associações na vida civil, constitui para a arte política o que são as “trincheiras” e as fortificações permanentes do *front* na guerra de posição: estas fazem apenas “parcial” o elemento do movimento que antes era “toda” a guerra etc. (GRAMSCI, 1977, p. 1567).

Isso significaria que a batalha campal pela hegemonia e pelo controle do aparato estatal (com toda a carga que tal aparato represente, seja no âmbito da divisão internacional do trabalho, da extração mineral, da posição geográfica eventualmente estratégica etc.) estaria cada vez mais entrelaçada à esfera dos valores e da ideologia¹.

Na visão de Korybko, uma potência como os Estados Unidos estaria combinando a ostensiva organização bélica e militar com modelos teóricos e atuações táticas orientadas para a difusão organizada de ideias e paradigmas que, generalizados no âmbito do território-alvo, desestabilizam estruturas e forças contra-hegemônicas que poderiam vir a prejudicar os interesses estadunidenses em determinado rincão global.

Nesse contexto Korybko articulou aspectos da *abordagem indireta* de Liddel Hart, da *guerra de quarta geração* de William Lind, dos *cinco anéis* de John Warden, do *ciclo OODA* de John Boyd e Robert Greene e da *teoria do caos* de Steve Mann com a práxis das relações internacionais estadunidenses, revelando algum grau de interpenetração entre tais modelos teóricos e o emprego contemporâneo das tecnologias e seus habituais difusores (em especial a *internet* e as redes sociais, as universidades, os centros de pesquisa, as organizações não governamentais e os *think tanks*, que abordaremos melhor mais à frente), sempre com o objetivo de transitar entre o *estado da arte* das ciências humanas e exatas e a sua aplicação prática na execução estratégica dos movimentos políticos e globais dos Estados Unidos².

Daí que se observem, ao largo de toda a escala de atuação geopolítica estadunidense, alguns movimentos típicos e familiares, como a inserção de lideranças vela-

1 Indica-se também, sobre o assunto, o excelente trabalho de compilação de Liguori e Voza (2017).

2 Vale observar que outros autores identificam processos similares (inclusive fazendo referência à abordagem de Korybko), porém não necessariamente a partir da liderança direta dos Estados Unidos. Por exemplo, Piero Leirner defende a existência de uma guerra híbrida operada no Brasil, a partir do interior das Forças Armadas, e que levou tal grupo ao centro do poder com a ascensão de Bolsonaro à Presidência da República. Cf. LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. 1. ed. (edição do Kindle), São Paulo: Alameda, 2020, p. 62.

O que Korybko observou foi, em verdade, uma mudança substancial na própria concepção da guerra: o fim da distinção entre civis e militares, em um processo similar ao que William Lind designou como “guerras de quarta geração”, ou seja, a intensificação da atuação “na guerra” por parte de atores desvinculados do Estado, especialmente no âmbito das campanhas de informação e desinformação direcionadas contra governos contra-hegemônicos por parte de seus próprios cidadãos

das, os chamados procuradores *in situ*³ — oriundos da própria sociedade-alvo e nela criados —, de atuação conhecida desde a guerra soviético-afegã do final dos anos 1970.

No Afeganistão, logo após a eclosão de uma revolução de orientação marxista (denominada Revolução de Saur) e a tomada do poder estatal por um governo socialista, o presidente Jimmy Carter inaugurou a Operação Ciclone. Receoso ante a proximidade geográfica e ideológica entre a recém-fundada República Democrática do Afeganistão e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, resolve, por meio dessa operação da CIA, dar apoio e discreto — mas pujante⁴ — suporte aos *mujahidins*, combatentes fundamentalistas islâmicos que se empenhavam na *jihād* orientada

3 O termo *in situ* é oriundo da biologia, e muito bem aplicado a este novo contexto, pois parte do pressuposto de que algumas espécies somente adquirem suas características fenotípicas máximas se conservadas em seu *habitat* (bioma) natural. Ou seja, somente se conseguiria atingir determinados objetivos de relações exteriores por meio de agentes oriundos dos próprios países-alvo e que neles sejam figuras relevantes. A própria Convenção sobre Diversidade Biológica da ONU traz, em seu artigo 2º, um conceito preciso de conservação de espécies *in situ*, em termos biológicos: “Conservação *in situ* significa a conservação de ecossistemas e *habitats* naturais e a manutenção e recuperação de populações viáveis de espécies em seus meios naturais e, no caso de espécies domesticadas ou cultivadas, nos meios onde tenham desenvolvido suas propriedades características.” Cf. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre Diversidade Biológica*. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1998/anexos/and2519-98.pdf. Acesso em 19 abr. 2021).

4 Inicialmente os Estados Unidos investiram nos fundamentalistas afegãos cerca de 20 milhões a 30 milhões de dólares, mas, ao final, o montante já tinha chegado a 630 milhões de dólares por ano (BERGEN, 2001, p. 68).

para a inauguração de um Estado teocrático — dentre os quais o mais famoso é, sem dúvida, Osama bin Laden.

São fortes os indícios de que tal técnica de *guerra por procuração* tenha ganhado fôlego na América Latina, especialmente no contexto de ameaça ao modelo unipolar hegemônico pelos Estados Unidos. Não por coincidência, perfil semelhante ao atribuído ao procurador *in situ* pode ser identificado em Juan Guaidó, parlamentar venezuelano que se autodeclarou presidente da República Bolivariana da Venezuela e organizou diversos atos de desestabilização do Estado venezuelano, dentre os quais uma invasão de mercenários a serviço da Silvercorp, empresa de segurança estadunidense, que executariam missões orientadas para a derrubada de Nicolás Maduro (PARDO, 2020).

O que Korybko observou foi, em verdade, uma mudança substancial na própria concepção da guerra: o fim da distinção entre civis e militares, em um processo similar ao que William Lind designou como “guerras de quarta geração”⁵, ou seja, a intensificação da atuação “na guerra” por parte de atores desvinculados do Estado, especialmente no âmbito das campanhas de informação e desinformação direcionadas contra governos contra-hegemônicos por parte de seus próprios cidadãos. Segundo Lind, tais atores são “recrutados” pela atuação de um aparato institucional consistente de centros de pesquisa e formação, universidades, conglomerados de mídia, *think tanks*, organizações não governamentais etc.

Esses atores civis organizados exercendo funções militares a serviço dos Estados Unidos, na prática, não são novidade na América Latina, existindo ostensivamente pelo menos desde a década de 1960. Nosso expoente mais relevante e próximo é o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (Ipês), cuja atuação contribuiu enfaticamente para a consolidação, a difusão dos ideais e da propaganda alinhados aos interesses estadunidenses, que, sabe-se, foram fator-chave para o golpe militar de 1964⁶.

Outro exemplo da apropriação militar-geopolítica do estado da arte científico identificada por Korybko seria o emprego do ciclo OODA — observar, orientar-se, decidir e agir —, que, inicialmente, era uma tese para aviação de pilotos, e, aos poucos, expandiu-se para uso em todos os âmbitos sociais como um modelo prático de criação do chamado *caos administrado*, em que as decisões estratégicas de governos e sociedades poderiam ser rapidamente neutralizadas e desorientadas (ou orientadas para um fim previamente estabelecido). Tais ações são realizadas sempre por meio

5 LEIRNER (2020, p. 100) sistematiza as gerações de William Lind da seguinte forma: “a 1ª Geração é ‘massa’, típica guerra do pós paz de Westfalia (1648), com aquelas ‘colunas’ de gente (ex, guerras napoleônicas); a 2ª seria ‘poder de fogo’, rifle, metralhadora, sendo o protótipo a 1ª Guerra; a 3ª seria a já mecanizada, ‘manobra’, cujo eixo estaria no ‘carro de combate’, como na 2ª guerra; a 4ª seria a da computação, dos sistemas conhecidos como C3I (Comando, Controle, Computação e Inteligência)”.

6 “A participação do Ipês na derrubada do governo Goulart, em 31 de março de 1964, pelos militares, foi preferencialmente resultado de um trabalho propagandístico. Todavia, isso não impediu que alguns de seus membros, individualmente, atuassem de maneira mais direta. O reconhecimento dos seus préstimos pelo regime militar ocorreu em 7 de novembro de 1966, quando foi declarado ‘órgão de utilidade pública’ por decreto presidencial.” (PAULA, 2004)

de mensagens rápidas, a exemplo da enviada por Twitter pelo então comandante do Exército Brasileiro, general Villas Bôas⁷, na qual ele sugeria ao Supremo Tribunal Federal a decisão supostamente mais “adequada” a tomar, às vésperas do julgamento de importante matéria criminal que repercutiria na liberdade ou não da maior liderança popular viva do Brasil — o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Korybko ainda cita a tese dos *cinco anéis da sociedade-alvo*⁸, na qual as Forças Armadas seriam tão somente um dos anéis sociais (inclusive, por representarem o anel mais distante do núcleo, seriam, ao menos inicialmente, o menos importante), sendo prioritário o *foco* na população, na infraestrutura institucional e nas bases sistêmicas da sociedade, objetivamente influenciáveis pelas mídias internacionais. Ao se subjugarem as instituições públicas, se subjugaria o governo e a liderança constituída, levando ao triunfo de um “golpe brando”, ou mesmo a um socorro das Forças Armadas ao líder, o que deixaria o caminho aberto a um “golpe rígido”.

3. OS GOLPES BRANDOS

Segundo Andrew Korybko, os *golpes brandos* ou *revoluções coloridas* são essencialmente conceituados como uma difusão de ideias e recrutamento de participantes com ênfase em operação psicológica conforme o público-alvo. Como explica Azevedo (2019, p. 10), os exemplos paradigmáticos de utilização da tática de revoluções coloridas ocorreram entre os anos de 2003 e 2005, quando três ex-repúblicas soviéticas — Geórgia, Ucrânia e Quirguistão — foram “palco de mobilizações de massa aparentemente espontâneas que serviram de cobertura para golpes políticos orquestrados por forças opositoristas de matiz liberal e pró-ocidental”.

No início, a própria noção de golpes brandos e revoluções coloridas confundia-se com a disseminação da informação: a chamada “fabricação do consenso”.

A fabricação do consenso — eufemismo para manipulação deliberada das massas contra seus melhores interesses — vai exigir uma divisão do trabalho e uma segmentação estrutural e institucional nova no campo da dominação simbólica. Seus operadores vão agir numa dimensão menos abstrata que o nível científico, ainda que em estreita relação de influência e cooperação recíprocas com a ciência hegemônica. Eles irão atuar como conselheiros diretos de endinheirados e poderosos nas agências de propaganda e de governo que serão criadas tanto no mercado quanto no aparelho de Estado (SOUZA, 2020, p. 59).

O livro *Propaganda*, de Edward Bernays (1928), citado por Korybko, proclama que um pequeno número de pessoas influencia e orienta a forma de pensar das mas-

7 Em fevereiro de 2021, o general Villas Bôas assumiu que a mensagem em questão divulgada por meio de sua conta pessoal no Twitter foi, na verdade, uma estratégia de guerra pensada por todo o Alto Comando do Exército Brasileiro (CAPETTI, 2021).

8 Os cinco anéis da sociedade são: população, mídia (internacional), elite nacional, Forças Armadas/Polícia e Liderança. Cada um deles é um centro de gravidade a partir da qual os anéis externos orbitam (um golpe contra um anel afetaria os círculos a sua volta).

sas. A abordagem indireta — principal método de Bernays — é desenvolvida mais a fundo em seu livro de 1947, *A fabricação de consenso*, e compreende seis passos: 1) realiza-se uma pesquisa minuciosa muito antes da campanha multifacetada; 2) a propaganda é disseminada para a parcela decisiva da população; 3) as notícias devem ser fabricadas artificialmente; 4) são criados eventos imaginativos (não lineares e múltiplos) com base nessas notícias artificiais⁹; 5) os influenciadores não tomam consciência do papel que representam e são usados como artifício para dar a impressão de apoio unânime; 6) as ideias devem parecer espontâneas, e não forçadas, pois, se as pessoas perceberem que estão sendo manipuladas, as rejeitarão em massa.

Por suas próprias palavras:

O estudo sistemático da psicologia das massas revelou aos alunos as potencialidades do controle invisível da sociedade por manipulação dos motivos que mobilizam o homem em grupo [...] [o qual] tem características mentais diferentes das do indivíduo e é motivado por impulsos e emoções que não podem ser explicados com base no que conhecemos acerca da psicologia individual. Logo, levantou-se *naturalmente* o questionamento: se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo com nossa própria vontade sem que elas percebessem? (BERNAYS apud KORYBKO, 2018, p. 48, grifos nossos)

Relativamente à fabricação de consensos, conclui:

Palavras, sons e imagens realizam pouco a não ser que sejam as ferramentas de um plano minuciosamente arquitetado e de métodos cuidadosamente organizados. Se os planos são bem formulados e faz-se uso deles corretamente, *as ideias transmitidas pelas palavras tornam-se parte integrante das próprias populações*. Quando o público é convencido da racionalidade de uma ideia, ele entra em ação [...] *sugerida pela própria ideia, seja ela ideológica, política ou social [...] mas esses resultados não acontecem do nada [...] eles podem ser obtidos principalmente pela fabricação de consenso* (BERNAYS apud KORYBKO, 2018, p. 49, grifos originais).

Richard Szafranski, considerado o elo entre Bernays e os autores que futuramente abordariam a temática, propôs a guerra neocortical, que pode ser sintetizada como a ação de “usar técnicas de disseminação para moldar indiretamente o cérebro

9 Um grande exemplo desses eventos fabricados foi o ocorrido na Guatemala, na deposição de Jacobo Arbenz, por ação do próprio Edward Bernays: “A United Fruit, grande multinacional americana de frutas tropicais, era dona de 75% das terras da Guatemala e contratou Edward Bernays para criar uma campanha publicitária contra o governo guatemalteco. Bernays se superou nesse trabalho. Usando uma lista de jornalistas influentes ao redor de todo o país construída nos 40 anos anteriores, ele montou um clima de guerra psicológica no país por meio do que chamava de “media blitz” [...]. A guerra psicológica visava associar, erroneamente, a reforma agrária de Jacobo ao comunismo, se aproveitando do clima de caça às bruxas que havia se instalado no país a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Vários dos jornalistas municiados por Bernays se sentiram depois enganados por notícias falsas e manipuladas. Era tarde demais para os guatemaltecos. Como resultado da campanha difamatória, o governo americano decidiu intervir na Guatemala e apoiar um golpe de Estado com apoio da CIA.” (SOUZA, 2020, p. 71)

coletivo da liderança do inimigo a fim de influenciá-lo a não lutar” (KORYBKO, 2018, p. 51). A guerra neocortical é uma guerra que se esforça para *controlar* ou *moldar* o comportamento dos organismos inimigos sem destruí-los. Para tanto, ela *influencia*, até o ponto de regular a consciência, as percepções e a vontade da liderança do adversário: o sistema neocortical do inimigo. Dito de maneira mais simples, a guerra neocortical tenta penetrar nos ciclos recorrentes e simultâneos de *observação, orientação, decisão e ação* (ciclo OODA) dos adversários. De maneira complexa, ela se esforça por munir os líderes do adversário — seu cérebro coletivo — de percepções, dados sensoriais e dados cognitivos projetados para resultar em uma gama de cálculos e avaliações estreita e controlada (ou predominantemente grande e desorientadora).

O que se coloca no centro, no século XXI, é o seu exato contrário: a *guerra neocortical reversa*, que anima a luta (em vez de a desanimar) para desestabilização do governo da sociedade-alvo, pelos mesmos métodos da guerra neocortical clássica.

Assim, parece evidente que a revolução colorida tenha por base e fundamento a guerra em rede. O *poder* ou *benefício* da computação centrada em rede advêm de interações ricas em informação entre números enormes de nós computacionais heterogêneos na rede. Isso faz com que,

no nível estrutural, a guerra centrada em rede requeira uma arquitetura operacional com três elementos fundamentais: grades de sensor e grades de transação (ou engajamento) hospedadas por uma espinha dorsal da informação de alta qualidade (KORYBKO, 2018, p. 52).

A adaptação desse modelo para o modelo das redes sociais humanas transpõe os nós para os indivíduos que participam da revolução colorida, e seu *poder* agregado para praticar a tentativa de golpe cresce à medida da interação entre tais indivíduos, primeiramente pelas redes sociais, e pessoalmente após a revolução colorida ter início.

A grade de sensor será, pois, o ponto inicial de contato: informações contra o governo transmitidas virtual (por computadores ou celulares) ou pessoalmente.

A formação, por sua vez, se dá em três tipos de rede: 1) em *cadeia*: com um comando centralizado; 2) *estrela*: compartimentada, pode constituir uma célula descentralizada dentro de uma rede maior; e 3) *multicanal*: descentralização tática; não recorre a uma hierarquia porque cada um sabe o que fazer. Essa guerra em rede “tende a desafiar e transcender as fronteiras, jurisdições e distinções padrão entre Estado e sociedade, público e privado, guerra e paz, guerra e crime, civil e militar, polícia e Forças Armadas, e legal e ilegal” (KORYBKO, 2018, p. 54). “Eles [John Arquilla e David Ronfeldt] atribuem isso até certo ponto à guerra neocortical de Szafranski, reconhecendo que ela pode ‘*confundir as crenças fundamentais do povo acerca da natureza de sua cultura, sociedade e governo*, em parte para instigar medo, mas, por que não, principalmente *para desorientar o povo e perturbar suas percepções*’, o que, portanto, dá a ela ‘um forte teor social’.” (KORYBKO, 2018, p. 54)

Afirma Korybko que, na guerra híbrida (especialmente no que diz respeito à revolução colorida), adota-se a mesma concepção, mas propõe-se a conjunção dos três modelos, nas seguintes modulações: a) em cadeia: toma-se a decisão de derrubar um governo não submisso e estrategicamente relevante; b) estrela: quartéis-generais de várias organizações (CIA, Pentágono) fazem um *brainstorm* de métodos para criar os nós ativos (indivíduos) ou para se conectar com eles a fim de cumprir a ordem dada na rede em cadeia; c) multicanal: detectam-se e se examinam as redes existentes que definem o ambiente social do alvo.

Uma vez obtidas as informações e minimamente organizadas as redes, a penetração na sociedade-alvo atinge outro estágio, seja por meio físico (agentes de inteligência reais em campo para montar o movimento), seja por meio virtual, como o Facebook, organizando-se protestos em larga escala e realizando-se operações de influência em todo o mundo.

O Facebook, inclusive, e demais redes sociais, têm sido decisivos para se formar o centro da estratégia de uma revolução colorida: instigar a agitação civil e fomentar uma *mente de colmeia* (um só pensamento) na sociedade-alvo. Em resumo, forma-se um enxame contra o alvo de maneira aparentemente caótica, a fim de abalar o ciclo OODA e levá-lo ao colapso. Para tanto aplica-se a denominada *lei da aglomeração*, um caos organizado e dirigido. Os enxames são aparentemente amorfos, mas na realidade constituem uma forma estruturada, coordenada e estratégica para atacar por todos os lados. A mente de colmeia é também chamada de consciência coletiva e inteligência de enxame. A consciência coletiva foi definida por Anna Piepmeyer, da Universidade de Chicago, como

a condição do sujeito dentro da sociedade como um todo e como qualquer indivíduo vem a se perceber como parte de dado grupo [...] o afeto/efeito em e dentro de qualquer ato público cujos pensamentos e ações são constantemente mediados por pressões externas [...] é um termo muito propício para os teóricos da mídia porque postula um, senão “o” efeito das mídias — cuja função primordial mais ampla consiste em transportar/transmitir/interpretar/reificar mensagens/informações de um lugar a outro (PIEPMAYER apud KORYBKO, 2018, p. 61. Grifo nosso).

William Engdahl (*Dominação de espectro total: democracia totalitária na nova ordem mundial*) igualmente vê a formação de enxame como uma tática-chave usada para provocar com êxito as revoluções coloridas, e as redes e a tecnologia como ingredientes centrais para a formação de enxame. Sobre a Revolução Bulldozer, ocorrida na Sérvia no ano 2000, por exemplo, e que veio a ser reconhecida como precursora do modelo de revoluções coloridas (AZEVEDO, 2019; 2015)¹⁰, Engdahl salientou:

¹⁰ A primeira de muitas, bem sucedidas ou não. Entre elas, relacionamos as mais conhecidas: Revolução Rosa (Geórgia, 2003), Revolução Laranja (Ucrânia, 2004), Revolução das Tulipas (Quirguistão, 2005), Revolução Azul (Kuwait, 2005), Revolução Púrpura (Iraque, 2005), Revolução Branca (Bielorrússia, 2011), Revolução Açafrão (Myanmar, 2007) e Revolução Verde (Irã, 2009).

Toda a lógica da revolução colorida e dos golpes brandos teria por criador o ativista Gene Sharp, o “Maquiavel da Não Violência”, que reestruturou o conceito secular para servir às táticas militares da maior potência do planeta. Sua obra *Da ditadura à democracia* (1994) é considerada o *manifesto* das revoluções coloridas em todo o mundo

As táticas não violentas com que a juventude da Otpor!¹¹ foi treinada, ao que consta, foram baseadas na análise da Rand Corporation sobre os métodos de guerra de Gêngis Khan atualizados para as tecnologias de rede modernas que interconectam as pessoas como abelhas em um enxame. Usando imagens de satélite GPS, agentes especiais puderam direcionar seus líderes, selecionados a dedo e especialmente treinados em solo para dirigir protestos relâmpago “espontâneos”, que sempre fugiam à polícia ou às Forças Armadas. [...] O que o golpe de Belgrado contra Milošević teve de novidade foi o uso da internet — em especial das salas de bate-papo, troca de mensagens instantâneas e *blogs* — junto com telefones móveis ou celulares, incluindo troca de mensagens de texto SMS. Usando esses recursos de alta tecnologia que só surgiram em meados dos anos 1990, um punhado de líderes pôde dirigir com presteza a juventude rebelde e sugestionável da “geração X” para dentro e para fora de protestos de massa a seu bel-prazer (apud KORYBKO, 2018, p. 63).

Para Korybko, toda a lógica da revolução colorida e dos golpes brandos teria por criador o ativista Gene Sharp, o “Maquiavel da Não Violência”, que reestruturou

11 Otpor! significa “Resistência!” em sérvio. Trata-se de uma organização política atuante na Iugoslávia entre 1998 e 2004 e que se opunha ao governo.

o conceito secular para servir às táticas militares da maior potência do planeta. Sua obra *Da ditadura à democracia* (1994) é considerada o *manifesto* das revoluções coloridas em todo o mundo. Ali Sharp define a luta não violenta como aquela que é travada por meio de “armas psicológicas, sociais, econômicas e políticas aplicadas pela população e as instituições da sociedade” (2010, p. 23). Em apêndice a esse trabalho ele elenca 198 métodos específicos de resistência não violenta, muitos deles vistos e identificados na exteriorização das revoluções coloridas: discursos públicos, *slogans* específicos, caricaturas e símbolos, marchas, assembleias de protesto ou de apoio, desobediência social, boicote às eleições, afirmação de dupla soberania ou formação de governo paralelo. E outros mais extravagantes, como protestos nus, gestos obscenos, desacato a autoridades, representação de funerais, “ocupação rezando”, “bombardeios aéreos não violentos” e “teatro de guerrilha”, entre outros (SHARP, 2010, p. 53-60).

Destarte, evidencia-se que a base do processo da revolução colorida é a desestabilização e a transformação da não violência em tática militar, conforme salientado por Gene Sharp. Um dos teóricos mais relevantes a estudar o fenômeno da celebração do Ocidente travestida de não violência foi Domenico Losurdo, em seu livro *A não violência: uma história fora do mito*. Nessa obra, Losurdo busca demonstrar que a palavra de ordem da não violência foi cooptada pelo Ocidente como todas as grandes narrativas do século XX. Ele afirma: “Não há ideal, por mais nobre que seja, que não se possa transformar em ideologia de guerra ou em palavras de ordem para reivindicar a hegemonia” (LOSURDO, 2012, p. 262).

O estudioso italiano demonstra que, em várias revoluções coloridas tentadas ou realizadas mundo afora, a não violência consiste tão somente em uma bandeira utilizada para conquistar as massas, mas está longe da efetiva prática dos “revoltosos”. Aponta como exemplo o ocorrido na primavera de 1989, na China (em Pequim, mas também em outras cidades), como uma espécie de ensaio para todas as outras revoluções coloridas que se espalharam pelo mundo, uma década depois.

No cenário chinês de então, depois de uma longa fase de tratativas e tentativas de se chegar a um acordo, a crise terminou com a proclamação da lei marcial e a intervenção de tanques do Exército chinês na praça da Paz Celestial (Tiananmen), em Pequim. Em 2001 foram publicados e traduzidos para vários idiomas os chamados *Tiananmen papers*, que, de acordo com os curadores estadunidenses, reproduzem relatórios secretos e atas reservadas do processo de decisão que culminou na repressão ao movimento de contestação (LOSURDO, 2012, p. 262-3).

Losurdo chama a atenção para o paradoxo: enquanto as autoridades chinesas negavam a autenticidade do movimento e o Ocidente fazia questão de divulgá-lo, nas próprias páginas do referido relatório sobressai o caráter nada pacífico do protesto. Os próprios organizadores estadunidenses dos *papers* reconhecem que as tropas “entraram em confronto com uma população enfurecida e violenta”. Os nomes adotados pelos grupos principais são significativos, segundo o autor: Tigres Voadores, Brigada da Morte, Exército dos Voluntários. Destacam-se algumas passagens da atuação dos

“pacifistas revoltosos” que queriam erguer uma réplica da Estátua da Liberdade em pleno centro de Pequim¹².

Ao analisar os textos de Gene Sharp, que tiveram quatro traduções na China (para mandarim clássico, mandarim simplificado, tibetano e uigur), Losurdo ressalta a nomenclatura claramente militar das regras emanadas dos manuais, nos quais a luta é classificada por “realisticamente não violenta”. Impõe-se um “desafio político” cujo objetivo é derrubar os opressores lá onde são mais vulneráveis. Recomenda-se evitar o conflito armado com um inimigo em posição de força, embora reconhecendo que em certos casos a violência é inevitável, devendo ser reduzido o número de vítimas. Para Sharp, diz Losurdo (2012, p. 267),

nada é espontâneo e nada se deve deixar ao acaso, “é preciso grande habilidade estratégica, organização e planejamento”, um “cálculo cuidadoso” das forças durante cada uma das etapas a percorrer e uma avaliação atenta das “armas específicas” que devem ser utilizadas em cada momento.

Ele pontua, ainda, um aspecto essencial e imutável: a questão não é forçar os governantes por meio da luta a acabarem com determinadas injustiças: “Ganhos táticos que não facilitem a realização dos objetivos estratégicos podem ser, afinal de contas, desperdício de energia”; *o objetivo não é melhorar as relações políticas e sociais existentes, mas a conquista do poder, e esse objetivo nunca deve ser esquecido*. Por isso, é necessário deixar pronta a estrutura de liderança para dirigir a luta e depois o novo poder (LOSURDO, 2012, p. 268).

Embora as revelações sobre corrupção desacreditem amplamente o poder, não são suficientes para derrubá-lo. “Quais tipos de simbolismo — insiste o manual — podem ser mais eficazes para mobilizar a população?” (LOSURDO, 2012, p. 269). A TV Rustavi 2, nos dias que antecederam a Revolução das Rosas, na Geórgia, exibiu um filme sobre Gandhi em que este é indiretamente comparado a Mikheil Saakasvili, líder do movimento não violento já em plena ascensão, enquanto Eduard Shevardnadze era equiparado aos piores ditadores da Era Contemporânea, sobretudo a Nicolae Ceaușescu, da Romênia.

Antes mesmo das eleições, o instituto de George Soros, apresentado pela oposição como o único confiável, indicava a vitória de Saakasvili.

12 “Mais de 500 caminhões do Exército foram incendiados em dezenas de cruzamentos [...]. Na av. Chang’na um caminhão do Exército parou por uma falha no motor e 200 revoltosos atacaram o motorista, espancando-o até a morte [...] no cruzamento Cuiwei um caminhão que transportava seis soldados diminuiu a velocidade para não atropelar a multidão. Então um grupo de manifestantes começou a atirar pedras, coquetéis molotov e tochas contra o caminhão, que a um certo ponto inclinou-se do lado esquerdo porque um pneu furou por causa dos pregos que os revoltosos tinham jogado. E então os manifestantes incendiaram alguns objetos, arremessando-os contra o veículo, cujo tanque explodiu. Os seis soldados morreram queimados.

[...]

De repente, um jovem chegou correndo, jogou alguma coisa dentro de um carro blindado e fugiu. Depois de alguns segundos, a mesma fumaça verde-amarelada foi vista saindo do veículo, enquanto os soldados se arrastavam para fora e se deitavam na rua com as mãos na garganta, agonizantes. Alguém disse que tinham aspirado gás venenoso. Mas os oficiais e soldados, apesar da raiva, conseguiram manter o autocontrole.” (LOSURDO, 2012, p. 263)

Após a proclamação dos resultados da eleição que dão a vitória a Shevardnadze, tachados de fraudulentos pela oposição, esta decide organizar uma marcha em Tbilisi para proclamar a chegada simbólica à capital, pacificamente, de um país inteiro com raiva. Embora muito divulgada, com muitos meios de propaganda e recursos, a manifestação reuniu entre 5 mil e 10 mil pessoas, o que, para a Geórgia, é muito pouco. Mas, graças a uma direção sofisticada e altamente profissional, o canal de TV mais poderoso do país consegue passar a mensagem de que “a imagem está lá, poderosa, de um povo que segue seu futuro presidente” (LOSURDO, 2012, p. 273).

Na Geórgia o assalto ao poder terminou em 22 de novembro de 2003. Não houve o reconhecimento da derrota pedido pela oposição e pelo Ocidente e também não houve a anulação das eleições. No entanto, a primeira sessão da nova legislatura foi interrompida por milhares de manifestantes liderados por Saakasvili, que, graças à desintegração do aparato estatal, irromperam no parlamento e obrigaram o presidente eleito “de forma fraudulenta”, Shevardnadze, a se demitir e se retirar da vida política.

Losurdo conclui, numa constatação irresponsável:

No manual [de Sharp] está presente a ameaça de “sanções econômicas” e “embargos” contra os países recalcitrantes [...], ou seja, a ameaça de *sanções que, como veremos, têm provocado mais mortes do que todas as destruições em massa durante a história*. E no fundo, vislumbra-se o poderoso aparato militar que está pronto para entrar em ação: é preciso considerar — realça o manual estadunidense — “as armas econômicas e militares”. [...] A não violência, de arma nas mãos dos fracos, transformou-se em mais uma arma dos poderosos e prepotentes que, também fora da ONU, estão determinados a impor a lei do mais forte (LOSURDO, 2012, p. 273, grifo nosso).

Ou seja, o uso da tática da não violência como arma de guerra para insuflar golpes brandos, na verdade, parte do pressuposto de que o Ocidente (e seu país hegemônico, os EUA) seria o guardião da consciência moral da humanidade. É esse pressuposto (racista, inclusive) que autorizaria a desestabilizar qualquer governo no globo. Em poucas palavras, há a virada histórica de um legado, utilizado por abolicionistas ou por Gandhi e até por Martin Luther King (que se opunha à Guerra do Vietnã), de crítica ao expansionismo ocidental e à supremacia branca, agora sendo usado pelo imperialismo, já poderoso, e que busca o poder global absoluto¹³.

4. OS GOLPES RÍGIDOS

Andrew Korybko ressalta que nem toda revolução colorida e nem todo golpe

¹³ Repagina-se a velha ideia de que o imperialismo seria benéfico aos povos submetidos, em “uma reedição moderna”, pautada numa “obrigação dos países mais adiantados de civilizar os mais atrasados para o seu próprio bem, sobretudo combatendo a sua corrupção estrutural” (SOUZA, 2020, p. 54).

brando elaborado pelos Estados Unidos conseguiram o seu intento final de derrubada de um regime e desarticulação completa da sociedade-alvo. Entretanto, mesmo diante de insucessos, haveria uma semente plantada que daria início à segunda fase que encerra o conceito de guerra híbrida: as guerras não convencionais que darão ensejo aos golpes rígidos.

Primeiro, cumpre ressaltar que uma guerra não convencional também é uma técnica ultracontemporânea, de quarta geração, que difere em muito da guerra convencional. Trata-se não da intervenção direta de um exército institucionalmente estabelecido, mas de um movimento de resistência ou insurgência que se apresenta, geralmente, como uma força clandestina e é utilizado para coagir, derrubar ou abalar um governo.

Incluem-se entre suas táticas a guerrilha, a insurreição urbana, a sabotagem e o terrorismo, e sua efetivação se dá com combatentes não tradicionais (na maior parte das vezes, mercenários). A guerra, então, por não ser manejada por exércitos organizados, é sempre não linear e caótica, usando mídias sociais e a técnica de enxames que já analisamos no tópico anterior.

A guerra em si se daria em uma primeira fase latente (focada em derrubar a infraestrutura clandestina), seguida por uma “guerra de guerrilha” e, por fim, uma guerra de movimento, que nem sempre é necessária, tendo em vista que as fases anteriores vão se apropriando das estruturas políticas, militares e sociais preexistentes. Na verdade, se trata da continuação de um conflito já existente, que fora iniciado na fase anterior da revolução colorida e da tentativa de golpe brando.

A guerra não convencional ocorreria sempre que os EUA não conseguem intervir diretamente, como fizeram no Iraque, em 2003. No fundo, suas efetivações, como na Líbia, Síria ou Ucrânia, são mais vantajosas para os Estados Unidos, não somente por ser mais econômicas, mas também por absolvê-los de responsabilidade por crimes de guerra, já que a intervenção é sempre indireta.

O histórico dessas guerras não convencionais, novamente, é longo, e, novamente, pode-se identificar no Brasil (e na América Latina) o seu início. No século XX, os Estados Unidos tentaram derrubar mais de 50 governos legítimos, embora admittam apenas sete; desses sete, três são latino-americanos, entre eles o governo João Goulart, em 1964 (STUSTER, 2013).

Já nos anos 1980, com o governo Ronald Reagan, a guerra não convencional foi elevada a patamares anteriormente desconhecidos, e insurreições foram apoiadas em Angola, na Etiópia, no Afeganistão e na Nicarágua. É dessa época a emulação das táticas aplicadas pela Operação Ciclone no Afeganistão e a intensificação da participação ativa dos evangélicos (direita cristã) nas guerras híbridas, primeiramente sendo utilizados em uma tentativa de desestabilizar a então URSS¹⁴, e, depois, utilizados em larga escala na América Latina.

14 Ainda no início do governo Reagan, em 1981, quando era secretário-geral da URSS Yuri Andropov, evangélicos pentecostais se refugiam na embaixada dos EUA em Moscou, o que só não desencadeou a escalada do conflito devido à concessão de vistos de saída para todos (KEERAN; KENNY, 2010, p. 143).

Como destaca a cientista política Marina Lacerda, a aposta em organizações evangélicas como *think tanks* na América Latina surge ainda no contexto da Guerra Fria:

Reagan e a direita cristã atuaram no contexto da Guerra Fria, em enfrentamento do efeito de ideologias mais à esquerda: a teologia da libertação — surgida no seio da Igreja Católica na década de 1960 e presente sobretudo em El Salvador, México, Equador, Peru, Brasil e Uruguai; revoluções na Guatemala (1944-1954) e na Nicarágua (1979-1990); e governos progressistas na Argentina, no Brasil, no Peru, no Uruguai, no Chile, na República Dominicana (GRANDIN, 2006; STOLL, 1990).

Encorajados pela Casa Branca, esses cristãos usaram suas missões para promover a agenda do governo dos Estados Unidos, tentando dissuadir pessoas de entrarem em movimentos que lutavam por mudança social. Os evangélicos entendiam seu trabalho na América Latina como contribuindo para uma missão bíblica [...]. O esforço missionário na América Latina combinou esse desejo ardente de ganhar o mundo para Cristo com as pretensões de hegemonia norte-americana (STOLL, 1990, p. 71). Stoll (1990) faz várias ressalvas no sentido de que a religião não deve ser reduzida a um campo de disputa de forças políticas e também de que as pessoas acatam a religião evangélica por seus próprios motivos e aspirações individuais. Apesar disso, ele enfatiza que sua pesquisa indicou como a religião serviu a fins políticos e imperialistas, particularmente na América Central. Tanto que, para Grandin (2006, p. 20-22, 155), essa ofensiva promovida por Reagan foi um ensaio geral para o que aconteceu no século XXI no Oriente Médio (LACERDA, 2019, p. 34-39).

O auge desse relacionamento se deu com a efetiva entrega de armamento no Irã e na Nicarágua para movimentos insurgentes, com suporte privado coordenado pela CIA e pelo Conselho de Segurança Nacional dos EUA. Impressionantemente, e novamente como sugerido por Gene Sharp, um movimento que seria pacifista (porque cristão) teria se transformado em uma espécie de guerra santa, como podemos ver nas palavras de um pastor evangélico sobre a intervenção na Guatemala contra o movimento indígena:

O Exército não massacra os indígenas. Ele massacra demônios, e os indígenas são demônios possuídos; eles são comunistas. Nós damos apoio ao irmão Efraín Ríos Montt como o rei David no Velho Testamento. Ele é o rei do Novo Testamento (DIAMOND apud LACERDA, 2019, p. 36).

Novamente, voltando a Losurdo, as técnicas não violentas da revolução colorida, por um lado, nem são tão não violentas assim, e, por outro, só permitem duas saídas, ou o golpe brando e sua vitória ou o início de um conflito que escala até um golpe rígido ou o início de uma guerra civil propriamente dita na sociedade-alvo.

5. MEDIDAS PREVENTIVAS

Com o estudo das guerras não convencionais, Andrew Korybko classifica o método da guerra híbrida como uma estratégia geopolítica de aplicação da teoria do caos nas relações internacionais, imbuída da finalidade de desestabilizar as potências euroasiáticas (nominalmente, Rússia, China e Irã), para prolongar a supremacia mundial do imperialismo estadunidense. Tal método, como visto, pressupõe uma abordagem indireta, sendo que, quanto mais próximo das potências euroasiáticas (Estados-vizinhos, mas os verdadeiros alvos) for o Estado-alvo, menos direto será o ataque a ele. Assim, o Estado-alvo é fragmentado para que se torne um buraco negro e sua atração gravitacional puxe a potência euroasiática vizinha para o centro do conflito.

Portanto, em muitos casos, a escolha de determinado Estado ocorreria independentemente das atitudes desse Estado em si, mas em verdade muito mais pelos prejuízos e ônus que ele poderia causar a países como Rússia, China e Irã. Por outro lado, vê-se também que há preferência histórica dos Estados Unidos pela América Latina, que, desde sempre considerada sua zona de influência obrigatória, tem arrancado vitórias ainda hoje não bem digeridas pelo orgulho estadunidense (especialmente a Revolução Cubana de 1959, ainda não derrotada, 60 anos depois de sua eclosão). Assim, Brasil, Chile, Guatemala, Nicarágua, Venezuela, Equador, entre outros países que aqui vimos, têm sido igualmente alvo de guerras híbridas promovidas pelos Estados Unidos, mesmo fora da zona geopolítica estratégica da Eurásia.

Segundo Andrew Korybko, a guerra híbrida, como vimos, apresentaria duas táticas distintas (mas que podem ser combinadas) e seus respectivos manuais de campo. Para as revoluções coloridas utilizar-se-ia o manual *Da ditadura à democracia*, de Gene Sharp, visando organizar uma rede de ativistas com táticas não violentas de rebelião contra o governo. Para as guerras não convencionais utilizar-se-ia o manual TC 18-01 do Exército estadunidense, direcionado a operações violentas contra o Estado, mas de forma assimétrica.

Na visão de Korybko, as revoluções coloridas e as guerras não convencionais consistem em duas etapas de um único processo de desestabilização. Eventualmente, a revolução colorida poderia já ser suficiente para criar o caos, mas, nas situações em que o governo atacado resistisse, seria necessário passar para a etapa da guerra não convencional (já utilizando o clima favorável estabelecido na primeira etapa). Tanto as revoluções coloridas quanto as guerras não convencionais utilizariam atores por procuração e mirariam os respectivos cinco anéis do alvo, para causar ruptura do ciclo OODA mediante o ataque de enxame.

A dificuldade para a aplicação das guerras híbridas por nações adversárias do poderio norte-americano seria o fato de ser contraproducente para uma potência euroasiática aplicar tal metodologia em sua própria região (pois isso criaria um buraco negro próximo). Desse modo, seria necessário acumular influência para poder gerar tais fenômenos na América, Europa ou África (o que também não seria imediato).

O auge de uma guerra híbrida, especialmente em sua primeira etapa, a revolução colorida, é a noção de *acontecimento*. Em regra, tanto pode ser algo aleatório como também pode ser algo fabricado. É um evento que possui a capacidade de liberar toda a energia acumulada do movimento como gatilho para o início da revolução colorida.

Os acontecimentos seriam escolhidos seletivamente, pois poderiam ser ignorados certos eventos caso se sinta que a infraestrutura necessária não esteja preparada. Por exemplo, são acontecimentos potenciais uma fraude eleitoral, a prisão de algum líder da oposição, a aprovação ou veto de uma lei controversa ou polarizadora. Eles não precisam ser verdadeiros, o mais importante será a narrativa a que a população em geral irá aderir.

Como recomendações, Andrew Kurybko (2018, p. 100) sugere algumas medidas defensivas (“é impossível se proteger por inteiro”) ante essa nova estratégia de guerra do imperialismo. São elas o estabelecimento de: 1) *salvaguardas civilizacionais*: difusão de ideias patrióticas, para gerar uma consciência de colmeia pró-governo e desestimular ideias subversivas de “democracia liberal”, e 2) *redes nacionais de internet*: nacionalização de mídias sociais e da internet, sem necessidade de censura direta, para diminuir a influência da mídia ocidental.

Quanto à primeira delas (salvaguardas civilizacionais), há uma enorme experiência nas lutas sociais nacionalistas na América Latina desde o início do século XX, desde campanhas como “O petróleo é nosso” (lançada em 1948) passando pelas reformas de base dos anos 1960 e, inclusive, se plasmando no desenvolvimentismo nacionalista que se espalhou não só no Brasil, mas em toda a América Latina, pela influência de centros como a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

Mesmo com um descenso nos últimos anos, as recentes articulações em torno de uma frente ampla em defesa da Constituição brasileira e do Estado democrático de direito apontam para uma possibilidade de retomar essa estratégia de defesa de forma eficaz.

Já em relação à segunda medida defensiva prescrita por Korybko (regulação da internet), as possibilidades são menos promissoras. Mesmo com uma nova Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (lei nº 13.709, de 2018), a regulamentação da internet e de sua influência social e eleitoral nefasta ainda engatinha no Brasil e em toda a América Latina. A própria vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais, que pode ser vista como clímax da teoria do caos e da desestabilização do cenário brasileiro que começou quase uma década antes, é creditada a uma manipulação da opinião pública por meio de redes sociais como o WhatsApp, ainda mais indisciplinadas (e indisciplináveis) do que o Facebook ou o Twitter.

A novidade, minimamente alvissareira, é que a sociedade-alvo de uma guerra híbrida, que era sempre fora dos Estados Unidos, acabou resultando (assim como Osama bin Laden foi uma criação, com externalidade negativa, das agências de segurança dos EUA) em um ataque às próprias instituições públicas estadunidenses,

Não resta dúvida de que por trás de conceitos como *revoluções coloridas* e *guerras híbridas* há fenômenos reais que precisam ser analisados. Mas esses conceitos vêm sendo usados muitas vezes de forma excessivamente genérica e indiscriminada. Correm o risco, com isso, de acabar servindo menos para conhecer do que para mistificar os fenômenos a que se referem

como se viu desde a eleição de Donald Trump até a tentativa de invasão do Congresso em Washington por manifestantes que não aceitavam os resultados eleitorais. Ali, já na corrida pela reeleição, a candidatura Trump acabou sofrendo algumas pequenas repressões e limitações no uso de redes sociais, que não foram, ao contrário do que aconteceu no mundo todo, entendidas como simples censura à liberdade de expressão e sim como garantia necessária ao regime democrático. Por mais que se saiba da dificuldade de se exportarem tais medidas do centro para a periferia, há alguma esperança de que avance o debate sobre a regulação pública da internet como fator importante para a estabilidade democrática.

6. ALGUMAS CRÍTICAS AO TRABALHO DE ANDREW KORYBKO

O livro de Andrew Korybko possui o mérito de compilar de forma sistemática os principais conceitos relacionados às guerras híbridas e de fazer uma análise apurada da conjuntura internacional (ainda que totalmente baseada em uma visão russa da geopolítica). O livro realmente serve como a terceira parte de um manual para guerras híbridas, como o próprio autor sugere no capítulo 4 da obra.

Apesar disso, a abordagem de Andrew Korybko não deve ser absorvida acriticamente, uma vez que existem diversos pontos passíveis de questionamento em seu raciocínio (o que não significa que não sejam corretos, mas sim que não foram devidamente comprovados ou esclarecidos).

Alguns dos problemas não solucionados por Korybko decorrem do papel central que a geopolítica ocupa em sua teoria.

Na tese apresentada por Korybko, as guerras híbridas são operações intencionalmente orquestradas pelos Estados Unidos contra as potências euroasiáticas (Rússia, China e Irã) (KORYBKO, 2018, p. 93). Tal afirmação, contudo, não é desenvolvida



Crédito: CC BY-SA 3.0

Revolução Laranja (Ucrânia, 2004) e Revolução das Rosas (Geórgia, 2003) estão entre as principais “revoluções coloridas”



Crédito: Zaraza - Zaraza, CC BY-SA 3.0

de modo satisfatório, pois, ainda que os três países sejam anti-imperialistas, o papel de cada um deles na geopolítica mundial é bastante diferente: a Rússia é um país capitalista cuja influência está em declínio, o Irã baseia-se em um capitalismo teocrático e a China é uma potência socialista em ascensão. Provavelmente essa falha de formulação decorre do fato de que Korybko é um crítico da “democracia liberal” (KORYBKO, 2018, p. 117), mas não do capitalismo (há quem o acuse de ser um porta-voz informal de Vladimir Putin) (MEDEIROS, 2020). Enfim, os três países centrais no raciocínio de Korybko são bastante diferentes entre si, de modo que também não parece razoável que todos eles sejam enfrentados pelos EUA com o mesmo método.

Como parte desse raciocínio, afirma Korybko que os Estados Unidos seriam a única nação com condições de realizar operações de guerra híbrida (KORYBKO, 2018, p. 99). Trata-se de uma informação muito relevante, porém feita de maneira categórica e sem qualquer aprofundamento. Um conceito mais robusto de guerras híbridas seria necessário para sustentar a afirmação de que somente os EUA teriam tal potencial.

Ainda sob o aspecto geopolítico, Korybko defende a tese de que as guerras híbridas são realizadas no entorno das potências euroasiáticas para gerar buracos negros em países vizinhos à Rússia, China e Irã, que seriam atraídos pelo caos do “campo gravitacional” vizinho (KORYBKO, 2018, p. 93-94). Assim, seria “contraproducente”

que uma potência testasse a estratégia das guerras híbridas em sua região, pois correria assim o risco de ser absorvida pelo caos do “buraco negro” (KORYBKO, 2018, p. 99). Ora, nesse sentido, não haveria como classificar qualquer ação contra o Brasil como guerra híbrida, a não ser que os EUA estivessem querendo atingir indiretamente os países vizinhos, e ainda correndo o risco de ser absorvidos por um buraco negro em plena América Latina.

Vale sempre destacar a existência de outros autores, que se debruçam sobre o tema das guerras híbridas sob uma perspectiva geopolítica diferente da de Korybko, como LEIRNER (2020, p. 62), que vislumbra uma guerra híbrida operada no Brasil a partir do interior das Forças Armadas (e não como um processo dirigido a partir dos EUA). Essa ressalva é importante para esclarecer que, ainda que eventualmente haja críticas à visão geopolítica de Korybko, há outros autores trabalhando em perspectiva similar, mas com abordagens diferentes.

Por sua vez, o próprio conceito de *revoluções coloridas* também é um problema ainda não solucionado pelas ciências sociais e cuja falta de rigor prejudica a obra de Korybko. Na leitura desse autor, as revoluções coloridas seriam uma etapa da guerra híbrida praticada pelos EUA contra as potências euroasiáticas. Ocorre que, atualmente, *revoluções coloridas* tornou-se um conceito extremamente fluido, podendo ser aplicado aos mais diferentes processos, a gosto do autor da análise. A título de ilustração, basta recordar que a chamada Primavera Árabe — comumente associada a estratégias de revoluções coloridas — atingiu tanto países fortemente alinhados com o imperialismo estadunidense (como no caso do Egito) quanto países adversários dos EUA, como a Síria. Como afirma Azevedo,

No Egito e na Tunísia, levantes com sólidas raízes, e de extração realmente popular – ligados, em primeiro plano, a reivindicações por democracia, e em última instância a pressões sociais, econômicas e demográficas –, derrubaram um conjunto de regimes políticos desgastados, muitos deles até então apoiados pelo próprio imperialismo. Em outros países da região (Síria, Líbia, Irã), a tática das revoluções coloridas foi usada para apresentar movimentos antipopulares como sendo parte da mesma onda de protesto popular, com o objetivo de eliminar governos hostis aos objetivos imperialistas na região (2015, p. 206-207)

Ou seja: em alguns dos países atingidos pela Primavera Árabe não existem evidências de tais movimentos terem sido gestados de forma não espontânea (como no caso da Tunísia), enquanto em outros há comprovada intervenção dos EUA e países europeus (como no caso da Líbia). Adicionalmente, em seguida à Primavera Árabe, diversos protestos com características semelhantes ocorreram em outros continentes, com destaque para a própria Europa (por exemplo, os Indignados, em 2011 na Espanha), para os EUA (Occupy Wall Street) e para a América Latina (como as manifestações chilenas de 2011 e as brasileiras de 2013). Em nenhum momento Korybko apresenta elementos que expliquem por que sua análise não se aplica a essas situações.

7. CONCLUSÃO

Conforme antecipado, o livro *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*, de Andrew Korybko, traz provocações importantes sobre um tema atual e relevante. Tem por mérito sistematizar os conceitos (ainda que com falhas) e apresentar uma abordagem original sobre o tema.

Por outro lado, alguns desses conceitos não são aprofundados de maneira satisfatória, e parte de suas afirmações não são adequadamente comprovadas. Em suma, trata-se de uma leitura relevante, mas que precisa ser absorvida de maneira crítica. Não resta dúvida de que por trás de conceitos como *revoluções coloridas* e *guerras híbridas* há fenômenos reais que precisam ser analisados. Mas esses conceitos vêm sendo usados muitas vezes de forma excessivamente genérica e indiscriminada. Correm o risco, com isso, de acabar servindo menos para conhecer do que para mistificar os fenômenos a que se referem.

* Doutor em Direito Econômico e Economia Política pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Teoria do Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Advogado da União em Brasília (DF). Integrante da Associação de Advogados e Advogadas pela Democracia, Justiça e Cidadania (ADJC). *E-mail*: jpaulo.advocacia@gmail.com

** Juíza do Trabalho aposentada do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 4ª Região. Vice-presidente da Fundação Maurício Grabois (RS) e integrante de grupo de estudos dedicado a analisar o neoliberalismo à luz de *O Capital*, de Karl Marx. Advogada em Porto Alegre (RS). Integrante da ADJC. *E-mail*: amavi-log@gmail.com

*** Doutorando e mestre em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Advogado em São Paulo (SP). Integrante da ADJC. *E-mail*: marcio.meinberg@gmail.com

**** Especialista com MBA em Planejamento Tributário pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Advogado em Barra Velha (SC). Integrante da ADJC. *E-mail*: duartemaia.advocacia@gmail.com

***** Mestre em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb). Advogado em Brasília (DF). Integrante da ADJC. *E-mail*: guilhermehora@horaecrispim.com

► Texto recebido em março de 2021; aprovado em março de 2021

AZEVEDO, Fábio Palácio de. 'Colour revolutions' and the concept of civil hegemony. In: 6th World Socialism Forum : discourse power and leadership : colour revolutions and cultural hegemony, 2015, Beijing. **Proceedings** [...]. Beijing: Chinese Academy of Social Sciences, 2015. v. 1. p. 205-215.

_____. Formas de dominação do capitalismo contemporâneo. **Princípios**, São Paulo, v. 1, n° 158, p. 2-28, set./out. 2019.

BERGEN, Peter. **Holy War, Inc.:** inside the secret world of Osama bin Laden. New York: Free Press, 2001.

CAPETTI, Pedro. Em livro, Villas Boas revela que postagens polêmicas na véspera de julgamento de Lula foram escritas com Alto Comando do Exército. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 fev. 2021. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/em-livro-villas-boas-revela-que-postagens-polemicas-na-vespera-de-julgamento-de-lula-foram-escritascom-alto-comando-do-exercito-1-24877394>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere.** Volume terzo — Quaderni 12-29. Edizione critica dell'Istituto Gramsci — A cura di Valentino Gerratana. 2ª edizione. Torino: Giulio Einaudi editore, 1977. p. 1507-2362.

KEERAN, Roger; KENNY, Thomas. **El socialismo traicionado:** detrás del colapso de la Unión Soviética (1917-1991). Madrid: El Viejo Topo, 2010.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas:** das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro:** de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica.* 1. ed. (edição do Kindle), São Paulo: Alameda, 2020.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). **Dicionário gramsciano.** São Paulo: Boitempo, 2017.

LOSURDO, Domenico. **A não violência:** uma história fora do mito. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

MEDEIROS, Jonas. *Guerras híbridas*, um panfleto pró-Putin e demofóbico. **Passa Palavra**, 28 jan. 2020. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2020/01/129676>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PARDO, Daniel. O que se sabe sobre a Silvercorp, empresa que organizou tentativa de sequestrar Maduro na Venezuela. **BBC News Mundo**, 2020. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52616101>>. Acesso em 19 abr. 2021.

PAULA, Christiane Jalles de. O Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **A trajetória política de João Goulart.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2004.

SHARP, Gene. *Da ditadura à democracia – uma estrutura conceitual para a libertação.* 4ª ed. Tradução José A.S. Filardo. São Paulo, Brasil: The Albert Einstein Institution, 2010.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

STUSTER, Dana. Mapped: the 7 governments the U.S. has overthrown. **FP**, august 20, 2013. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2013/08/20/mapped-the-7-governments-the-u-s-has-overthrown>>. Acesso em: 14 abr. 2021.